FUGINDO DO INFERNO

A VIDA DEPOIS DO TRIBUNAL DO CRIME

FRANK MARQUES

FUGINDO DO INFERNO

A VIDA DEPOIS DO TRIBUNAL DO CRIME

FRANK WILLIANS DE PAULA SOUZA E MARQUES

Copyright © Frank Willians de Paula Souza e Marques, 2025.
Todos os direitos reservados.

Para mais informações ou para agendar um evento, entre em contato :

@frankoficialreserva

@Frank.Oficial.Lamparinas

@frankwillians23

Design do livro por Frank Marques

Este livro é mais do que um relato, é um grito da alma. Um testemunho de dor, queda, fé e renascimento. Não escrevo para buscar perdão nem aplausos, mas para provar que mesmo no fundo do poço ainda há chão para recomeçar. Cada palavra carrega uma verdade que sangra, cada cicatriz lembra de onde vim e do caminho que nunca mais quero seguir. Se minha história alcançar um só coração e fizer um jovem pensar antes de cair no mesmo abismo, então toda a dor terá valido a pena.

"Nem sempre a luz vem do alto — às vezes ela nasce dentro de quem já enfrentou a própria escuridão."

— Frank Marques

SUMÁRIO

Recomeçar do Zero 07

Da Morte à Influência Digital 10

Ameaças, Denúncias e Silêncio 14

O Sistema Falhou 16

Missão — Transformar Histórias 19

O que é Ser Homem de Verdade 21

A Guerra Invisível 23

Epílogo — A Vida Além da Sentença 27

Sobre o Autor 30

Agradecimentos 32

CAPÍTULO 1

RECOMEÇAR DO ZERO

Depois de tudo o que vivi no temido Primeiro Comando da Capital (PCC), do batismo à disciplina, das ordens cumpridas ao peso da culpa, finalmente me vi diante da fuga que mudaria minha vida para sempre. Eu já não era o mesmo homem que acreditava no poder do Comando. Trazia comigo as marcas do ódio, da dor e das escolhas erradas, mas também o vazio de quem perdeu família, amigos e até a própria identidade. Recomeçar do zero não foi uma escolha, foi uma sentença. Eu estava vivo, mas condenado a lutar contra meu passado todos os dias. E foi nesse abismo que começou a verdadeira batalha: sobreviver fora do crime, carregando os fantasmas que ele deixou dentro e fora de mim.

Conseguir um emprego parecia impossível. Cada vez que entregava meu currículo, a ficha criminal pesava mais que qualquer experiência de vida. As tatuagens falavam por mim antes mesmo que

eu pudesse abrir a boca. Os olhares desconfiados, as respostas curtas, o silêncio dos empregadores... tudo era um lembrete de que, para a sociedade, eu não passava de um ex-bandido.

No Brasil, ainda era possível encontrar trabalho, mas nos países da América Latina, como Uruguai, Argentina, Chile e Peru, a realidade foi muito mais dura. No Uruguai, fui humilhado e tratado como um cachorro. Na Argentina, pior ainda: "os caras se sentiam europeus", olhavam de cima para baixo, como se eu fosse invisível. No Peru e no Chile, o tratamento foi melhor, mas o custo de vida era alto e ninguém queria dar uma chance a alguém cheio de tatuagens e falando português.

Viver com o medo constante de ser reconhecido e assassinado é como carregar uma bomba-relógio no peito. Não existe rotina, não existe paz. Eu não podia sair na rua, levar meu filho ao shopping ou simplesmente tomar um sol na frente de casa. Qualquer barulho me colocava em alerta: passos na calçada, motos paradas, cachorros latindo. O medo sufocava cada instante.

Perdi relacionamentos, como com a Paula, porque ninguém aceita viver trancado dentro de casa. Quando alguém perguntava meu nome, eu me

apresentava como qualquer outra pessoa, Jhonata, Carlos, mudando de identidade para sobreviver.

O que eu mais sinto falta é de reunir minha família, como antes, quando colocava todos no carro e íamos fazer churrasco na casa da minha irmã mais nova. Hoje vivo preso entre quatro paredes com meu filho de cinco anos. As noites são marcadas pela insônia e pelas lembranças: gente morrendo diante de mim, clamando por misericórdia, e eu, no passado, negando. Agora, sou eu quem pede por amor e misericórdia.

É um misto de depressão, ansiedade, medo e remorso. Muitas vezes me olho no espelho e me pergunto:

_ Como você sobreviveu mais um dia?

_ Como aguentou mais um dia?

Tem sido assim, dia após dia. É difícil achar palavras para essa dor. Só sei que dói. Muito.

CAPÍTULO 2

DA MORTE À INFLUÊNCIA DIGITAL

O primeiro vídeo nasceu de um momento de puro desespero. Eu não pensava em fama nem em internet. Já fazia três dias que não saía de casa, trancado pelo medo. Tinha mandado minha família embora para protegê-los. Foi então que pensei: "Se eu morrer, pelo menos todos vão saber o verdadeiro motivo."

Peguei o celular e gravei meu primeiro vídeo, cru, sem edição. Em menos de uma hora, meu telefone começou a tocar sem parar. Em 24 horas, o vídeo havia alcançado 47 milhões de visualizações. Os comentários se multiplicavam: "Não desiste não." "Foge daí!" "Coloca sua chave PIX." O povo inteiro parecia gritar comigo pela tela: "Corre, você ainda pode sobreviver!"

Atendendo aos pedidos, abri uma live. Quando vi 120 mil pessoas simultaneamente conectadas, fiquei atônito. Pela primeira vez, em vez de ser condenado ao silêncio, eu estava sendo ouvido.

Foi aí que decidi: “Se vou morrer, pelo menos vou tentar fugir. Se conseguir, amém. Se não, pelo menos tentei. O que eu viver, já é lucro.”

E assim começou a fuga: Uberlândia, Uberaba, depois Curitiba, onde um motorista me abandonou e levou meu dinheiro. Desesperado, recorri a uma amiga, Phoenix, que me acolheu alguns dias em Florianópolis. Mas eu precisava seguir.

Estava prestes a comprar uma passagem para a Argentina quando ouvi de um vendedor: “Vai para o Uruguai, é perto, não precisa de visto e a economia está melhor.” Era um sinal. Atravessei a fronteira com apenas R$ 90 no bolso. Era inverno, eu não tinha casaco, passei frio e fome. Usava o tradutor do celular para me comunicar.

Depois de alguns dias, consegui emprego em um restaurante. Essa experiência foi muito marcante: fazia de tudo, lavava pratos, varria, limpava mesas, e trabalhava o dia inteiro em troca de apenas um prato de comida. Um dia pedi um suco e a dona me deu. Mas, quando decidi sair depois de quase um mês, ouvi a maior humilhação: ela disse que eu ainda estava devendo o suco. Aquilo me destruiu por dentro, mas também me mostrou a realidade nua e crua do que era recomeçar do zero.

Mesmo longe do Brasil, a internet não me deixava esquecer. Meus vídeos continuavam viralizando,

trazendo seguidores e mensagens de todos os cantos. Jovens pediam ajuda para sair do crime. Mães diziam que meus vídeos abriram os olhos de seus filhos. Pessoas que nunca me viram me chamavam de irmão.

Mas junto com o apoio vieram as ameaças: “Sua hora vai chegar.” “Quem fala demais morre cedo.” Eu vivia dividido entre duas realidades: no físico, fome e humilhação; no digital, esperança e resistência.

A repercussão abalou também minha família. No início, ligaram preocupados. Logo depois, me bloquearam. Disseram que eu era egoísta, que só pensava em mim, que tinham vergonha de ter um parente decretado.

O que mais me marcou foi minha irmã mais velha, filha apenas do primeiro casamento do meu pai. Ela me ligou e disse: “Pare de falar o nome do meu pai nesse seu circo de horrores.” Foi como se quisesse negar que o pai dela também era meu pai. Aquilo me feriu profundamente. Eu tinha certeza de que, se meu pai estivesse vivo, estaria do meu lado.

Perdi o apoio de todos. Amigos me chamaram de verme, lixo. Mas, enquanto meu sangue me rejeitava, estranhos me chamavam de esperança. Aprendi que, muitas vezes, a família que encontramos no caminho é mais fiel que a de sangue.

“Eu já não falava apenas por mim.

Eu falava por todos que não tinham coragem de falar. E cada vez que apertava o botão de publicar, eu sabia que estava comprando mais uma briga, mas também estendendo a mão para alguém perdido no mesmo abismo."

CAPÍTULO 3

AMEAÇAS, DENÚNCIAS E SILÊNCIO

As ameaças fazem parte da minha vida há mais de dois anos. Todos os dias. A pior de todas foi quando disseram que arrancariam a cabeça do meu filho e o estuprariam na minha frente. Nunca imaginei que alguém pudesse falar isso. Até hoje essa frase me persegue como uma tortura silenciosa.

As ameaças vêm de todos os lados: PCC, Comando Vermelho, Terceiro Comando, influenciadores incomodados, estelionatários. Todas com o mesmo objetivo: me silenciar.

Também já tentaram me comprar. Ofereceram R$ 200 mil, carro, até perdão. Tudo para que eu ficasse em silêncio. Mas eu nunca aceitei. Se eu estivesse na internet pelo dinheiro, já teria me vendido. Eu continuo porque essa é a única forma de sobreviver, e também de salvar vidas.

O que mais atormenta não são só as palavras, mas a dúvida: quem está do outro lado da tela vai cumprir a ameaça? Essa incerteza corrói, tira o sono, aumenta a

paranoia. Ainda assim, sigo firme. Minha fé em Deus é o que me mantém de pé.

E do governo? Nada. Nenhuma proteção. Pelo contrário: só críticas. O próprio Secretário de Segurança disse que minhas redes eram monitoradas desde o primeiro vídeo. Já enviei denúncias que levaram à prisão de vários criminosos, mas nunca recebi apoio. Só silêncio.

O que recebi foi a visita do Conselho Tutelar, não para me proteger, mas para tirar meus filhos. Disseram que eu não podia criar uma criança decretado de morte. Levaram os dois. O mais velho ficou com minha mãe; o mais novo, com a avó materna. Mas nem isso durou. Ela me ligou dizendo que não tinha condições de cuidar e devolveu meu filho. Hoje, é ele quem está comigo, minha maior força para não desistir.

A rejeição da família, o abandono do governo e as ameaças constantes tentam me calar. Mas quando penso em parar, olho para o meu filho. É nele que encontro esperança.

Se não fosse Deus, eu já teria sucumbido ao medo. Mas aprendi que não é o silêncio que traz segurança. O silêncio é cúmplice da violência. Se o preço por falar for alto, que seja.

"Melhor morrer de pé do que viver calado."

CAPÍTULO 4

O SISTEMA FALHOU

O que mais me revolta não é a força do crime, mas a fraqueza do governo. O Estado brasileiro não é fraco porque não tem recursos, mas porque não tem vontade. Falta disciplina, falta gestão e sobra descaso. Hoje, cerca de um quarto da população vive sob as regras de facções criminosas. Isso mostra que quem manda em boa parte do Brasil não são as autoridades, mas o crime organizado.

Muita gente insiste em dizer que os jovens entram para o crime porque não têm opção. Eu vivi 30 anos dentro da favela e posso afirmar: essa narrativa é mentira. A opção existe todos os dias quando você acorda. O que atrai o jovem não é a falta de oportunidade, mas a facilidade do dinheiro rápido. Enquanto um servente de pedreiro trabalha duro quinze dias para receber um salário mínimo, na biqueira um moleque ganha isso em uma hora. É essa ilusão de facilidade, de respeito forjado no medo, que fascina a molecada. Mas ninguém fala das consequências: cadeia ou morte.

Eu mesmo vi jovens saírem da miséria e vencerem sem se render ao crime. A diferença foi a escolha. O

crime nunca foi a única saída; ele apenas parece mais fácil. Mas o fácil cobra caro.

A falha do Sistema

O Brasil não tem sistema prisional de verdade. As cadeias viraram escritórios do crime. Um criminoso preso manda mais que um trabalhador solto. Enquanto isso, políticos preferem discursos bonitos e promessas vazias a encarar o problema de frente.

Um exemplo que deveria inspirar o Brasil é o de El Salvador. Lá, o governo construiu a maior prisão da América Latina, chamada Centro de Confinamento do Terrorismo (CECOT), com capacidade para mais de 40 mil detentos. Os presos são isolados de verdade, sem celulares, sem regalias, sem comunicação com o lado de fora. O Estado mostrou autoridade e disciplina, e o resultado foi imediato: o poder das gangues caiu, os homicídios despencaram e a população voltou a andar nas ruas sem medo.

Minhas propostas

A mudança precisa começar pelo investimento pesado em segurança pública:

- Polícia equipada e bem treinada.
- Inteligência real para desmontar facções.
- Cadeias funcionais e rígidas, que isolem o preso e não permitam comunicação com o lado de fora.
- Leis cumpridas sem "jeitinho".

O jovem precisa entender que, se escolher o crime, vai pagar caro. E se escolher o caminho certo, terá segurança para trabalhar, viver e crescer.

A escolha é sua

Muita gente entra no crime pela facilidade do dinheiro rápido e do "respeito" forjado no medo, e não por falta absoluta de opção. O preço é alto: cadeia ou morte. O Fernando prova isso. Cresceu na mesma quebrada que eu, recusou minhas ideias erradas e trabalhou desde cedo. Anos depois, era dono de casa, carro, uma lan house e planejava abrir uma loja de eletrônicos. Enquanto eu quase perdi família e liberdade, ele construiu. O crime me convidou e eu aceitei; ele recusou. Escolhas traçam destinos.

Mas não dá para fingir que o problema é apenas individual. O sistema brasileiro também falhou. Enquanto nossas cadeias são escritórios do crime e a polícia trabalha sem estrutura, facções controlam bairros inteiros. O governo sabe disso, mas prefere discursos vazios a enfrentar de verdade.

No fim, a mudança depende de dois lados: do jovem, que precisa assumir a responsabilidade por sua escolha; e do governo, que precisa mostrar autoridade de verdade, sem jeitinho, sem corrupção, sem medo.

"O sistema falhou, mas a luta não acabou."

E é dessa luta que nasce minha missão: ajudar os outros antes que seja tarde demais.

CAPÍTULO 5

MISSÃO - TRANSFORMAR HISTÓRIAS

Depois de tudo o que vivi, cheguei a uma conclusão: se o sistema falhou comigo, não pode falhar com os outros. Eu não posso mudar o passado, mas posso usar minhas cicatrizes para impedir que outros sigam o mesmo caminho. Foi assim que nasceu minha missão.

As mensagens começaram a chegar de todos os lados. Jovens me escreviam: “Mano, seus vídeos abriram meus olhos. Eu estava prestes a entrar no crime, mas desisti.” Mães desesperadas me procuravam: “Meu filho ia para a biqueira. Depois que viu seus vídeos, mudou de ideia. Obrigada por transformar a vida dele.”

Pessoas que nunca me viram me chamavam de irmão, pediam que eu não parasse, que continuasse falando. Cada palavra que eu publicava virava alerta e esperança ao mesmo tempo.

Ação direta, não fachada. Com o tempo, vieram convites para participar de outros canais do YouTube. Eu aceitei cada um que pude. Prefiro estar frente a frente com jovens e famílias ao vivo e expor o que acredito. Criei grupos de conversa e mentorias, sempre compartilhei o meu telefone pessoal e me fiz disponível

sempre que as pessoas precisam de mim, porque minha missão não tem preço.

Muita gente me pergunta se penso em criar uma ONG, igreja, ou me envolver com a política. Não acredito em ONG que arrecada doação: vi de perto doação boa ficar com liderança e virar produto na internet, enquanto sobra o que ninguém quer para a comunidade; em muitos lugares isso serve de fachada para o crime. Acredito em emprego, em punir quem faz o errado e valorizar quem faz o certo. É preciso criar trabalho de verdade, não vitrines para foto ou rede social. Palestra e troca de experiência, sim; assistencialismo de vitrine, não.

Uma rede que cresce. Mesmo sem apoio do governo, que nunca me ofereceu proteção, surgiram parcerias que valem ouro: influenciadores de boa-fé, gente comum que abre as portas e fortalece a mensagem. É uma rede viva, feita de pessoas que acreditam que a mudança começa com coragem e verdade.

Minha vida hoje é isso: transformar histórias. Cada jovem que escolhe o caminho certo é uma vitória. Cada mãe que respira aliviada me lembra por que não posso parar.

"Não é fama.

Não é dinheiro.

É propósito: transformar histórias, uma por vez, antes que seja tarde demais."

CAPÍTULO 6

O QUE É SER HOMEM DE VERDADE

Quando penso no que significa ser homem de verdade, a primeira imagem que me vem à mente é a do meu pai. Ele foi um homem sensato, cordial, um verdadeiro cavalheiro. As pessoas sempre elogiavam a forma como ele tratava minha mãe, como falava das mulheres com respeito e como carregava nas costas a responsabilidade pela família. Mesmo diante de dificuldades, nunca deixou de ser exemplo.

Hoje, aos 33 anos, enxergo que ser homem não é apenas ser provedor de coisas materiais. É também ser provedor de sentimentos, trazer segurança para a esposa, para os filhos e para o lar. Cada palavra, cada gesto, cada passo que um homem dá, se reflete diretamente dentro de sua casa. Ser homem é assumir essa responsabilidade sem fugir dela.

Ser homem de verdade é saber dar amor e também receber amor. É ouvir, compreender, respeitar limitações e estar disposto a carregar o peso diário de "matar um leão por dia". A recompensa disso não é dinheiro, mas a consciência tranquila ao se deitar: saber que o sustento que entrou na casa veio do trabalho honesto, e não da lágrima ou do desespero de alguém.

Porque o dinheiro fácil do crime pode até encher o bolso, mas é dinheiro sujo, que nasce da dor alheia.

Hoje eu sei: o verdadeiro valor está no trabalho honesto. A satisfação de poder dormir sem medo da polícia invadir sua casa, sem medo de perder tudo de uma hora para outra, sem a angústia de carregar sangue nas mãos. Isso é liberdade.

Mas ser homem também é saber lidar com a mulher. É entender que, para ela, problemas que parecem simples podem ser gigantes. O homem de verdade não trata com indiferença, não menospreza as dores da companheira. Ele escuta, acolhe e ajuda a encontrar solução com calma e carinho, assim como ela também faz com ele nos momentos difíceis.

Opressão não é só violência física. Existe a opressão emocional, o sufocamento psicológico, o ciúme doentio. O homem de verdade não precisa mandar. Ele é naturalmente a figura de autoridade, mas autoridade não é sinônimo de opressão. É liderança com amor. Quando o homem se coloca no lugar da mulher e tem humildade para compreendê-la, a relação se fortalece. Respeito é a base.

Meu pai me ensinou isso com atitudes, e hoje, com a maturidade que tenho, percebo o quanto ele estava certo. Ser homem não é impor medo. Ser homem é inspirar confiança.

"Ser homem é deixar exemplo, não ferida."

CAPÍTULO 7

A GUERRA INVISÍVEL

Antes de começar este capítulo, quero compartilhar algo que escrevi numa noite de desespero.

Foi uma mensagem que mandei pra uma irmã que a vida me deu, não de sangue, mas de alma.

Ela sempre me escuta sem julgamento, e naquela noite, me pediu pra abrir o coração e contar algo que ninguém sabia.

Demorei pra responder, mas quando finalmente escrevi, saíram palavras que nem eu sabia que ainda guardava.

"Boa noite, mana.

Você me pediu pra falar algo que ninguém sabe, e talvez seja isso mesmo — algo que eu nunca consegui contar porque tenho medo de parecer louco.

Mas, muitas vezes, eu penso que minha vida não faz sentido. Que tudo o que eu fiz até agora não serviu pra nada.

Sinto como se algo quisesse me destruir por dentro — principalmente dentro da minha cabeça.

Eu amo muito a vida que conquistei depois de sair do crime, mas, ao mesmo tempo, sinto que estou perdendo tudo.

Hoje vivo num quarto de refugiado, dividindo espaço com outras pessoas.

Tem dias que passo o dia inteiro sem comer, tentando conseguir algum dinheiro na internet, como um mendigo digital.

Peço, peço, peço... e cada pedido vem com um peso de humilhação que eu nunca imaginei sentir.

Nunca me vi tão rebaixado, tão pequeno.

A verdade é que, no fundo, eu tenho vergonha do que me tornei.

Por fora, as pessoas me veem como um fenômeno, um exemplo. Mas por dentro, eu só sinto vergonha.

Minha barriga dói de fome, meu estômago gruda nas costas, e eu tento economizar cada centavo — às vezes até pra comprar uma bala.

Tudo parece desmoronar. Os podcasts fecharam as portas pra mim, os contatos sumiram, e eu fico pensando se não era melhor desaparecer da internet de vez.

Depois de tudo que vivi, depois de me levantar da lama, é cruel voltar a me sentir como um mendigo — dessa vez, de alma.

Talvez a coisa que ninguém saiba sobre mim... é que eu tenho vergonha do que sou hoje."

Essa foi uma das mensagens mais difíceis que já escrevi. Porque ela mostra que a guerra não acabou, só mudou de forma. Depois que eu saí do crime, muita gente pensou que a vida ficou fácil. Que bastou eu gravar uns vídeos na internet pra tudo se resolver. Mas a verdade é outra: sair do crime não é o fim da guerra. É o começo de uma batalha ainda mais difícil — a batalha contra mim mesmo.

Não vou mentir: tive recaídas. No começo da minha caminhada no YouTube, ainda fumava maconha. Parei, voltei, parei de novo. Até hoje, luto contra essas tentações. Mas recaída pro crime, essa eu nunca tive. Convite pra entrar em outras facções chega quase todo dia. A diferença é que agora eu sei o custo. Não é só dinheiro. É o custo de manchar minha história, de ferir quem acredita em mim, de enganar quem ainda acha que existe "vida fácil" no crime. Cada convite recusado é uma vitória invisível. É a prova de que eu não quero voltar pro abismo.

Mas se manter firme não é simples. Todo dia é um teste. O risco não tá só nas ruas, tá dentro da minha própria cabeça. Pensamentos de desistir, de sumir, às vezes até de tirar minha própria vida, aparecem quando tudo parece pesado demais.

E pra ser sincero, o que me mantém de pé não é força minha. É fé. É acreditar que Deus tem um propósito pra tudo isso. Que nada do que eu vivi foi em vão. Que cada lágrima, cada perda, cada noite sem dormir me trouxe até aqui por um motivo maior.

As apostas também são uma tentação constante. Sempre tem alguém dizendo que uma jogada grande poderia mudar minha vida. Mas eu sei o preço disso: enganar pessoas, iludir quem já não tem nada. Não quero repetir esse ciclo. Prefiro continuar com pouco, mas dormir com a consciência limpa.

O medo ainda mora comigo. É meu companheiro silencioso. Todo lugar que eu vou, alguém me reconhece. Já aconteceu no México, no Uruguai, na Argentina, até

na Espanha. Às vezes, fico sem saber o que fazer. “E se essa pessoa descobrir onde eu moro? E se me seguirem?” A tensão é constante, o alerta é permanente. Nunca sei se o olhar que recebo é de admiração ou de ameaça.

Viver assim não é viver. É sobreviver. Tem horas que o desespero aperta, que eu me pergunto se vale a pena. Mas aí eu lembro de tudo o que já conquistei, das pessoas que já ajudei sem nem perceber, do carinho que recebo de quem nunca vi. Isso me dá força pra continuar. Mesmo quando a esperança parece distante, eu a busco. Porque se eu olhar só pra situação atual, o desejo de desistir vence.

Essa é a nova guerra. Não tem tiros, não tem facção, não tem tribunal. É uma guerra silenciosa, dentro de mim, contra tudo o que pode me puxar de volta. Uma guerra que não tem fim, mas que, a cada dia vencido, me mostra que ainda vale a pena lutar.

Hoje eu entendo que o campo de batalha mais perigoso não é o das ruas, é o da mente. E que a maior vitória não é sobre o inimigo, é sobre si mesmo. A paz ainda não chegou, mas a fé me mantém vivo.

“Enquanto eu acreditar que Deus ainda tem um propósito pra mim, essa guerra pode até continuar... mas eu nunca mais vou lutar sozinho.”

CAPÍTULO 8

EPÍLOGO - A VIDA ALÉM DA SENTENÇA

Tenho 33 anos, e muito do que vivi até aqui significou dor, tristeza, saudade, angústia. É difícil até hoje. Não é porque eu abro uma live que tudo fica leve. Pode acontecer de alguém ligar, uma vítima do meu passado, e contar como eu a tratei, o mal que causei. Tenho certeza de que, se isso acontecer, vai ser muito difícil lidar. O remorso me acompanha. Noites em claro, quase todo dia; muitas vezes vou dormir depois das quatro da manhã, entre a tensão de que vão invadir e me matar e a culpa que não dá trégua. O que mais machuca é o remorso.

O pior de tudo é saber que tudo o que eu sinto e vivo é única e exclusivamente culpa minha. As escolhas foram minhas. O ser humano tende a buscar alguém para culpar, terceiriza na circunstância, no "diabo", no que for. Chegar à conclusão de que não há ninguém para culpar além de mim me levou a um nível de remorso que, às vezes, eu chego a sentir pena de mim mesmo ao ver como as coisas ficaram tão ruins.

Falam de mim como se eu fosse santo, como se tivesse um bom coração, e eu sei o quanto de mal causei, quanta dor provoquei. Saber que não paguei por tudo o que fiz e, ao mesmo tempo, cobrar sentença de quem comete hoje coisas até menores do que eu já cometi, me

coloca num lugar de hipocrisia dentro da minha própria cabeça. Isso gera conflito.

Também entendi por que "não paguei": não me prenderam. Eu confessei crimes, mas me disseram que eu seria apenas a palavra que prova o crime , e que não poderiam me prender baseado só na minha confissão. Não estou justificando nada; a incapacidade da justiça brasileira colaborou para a minha liberdade. Eu acordei e falo do que vivi justamente para que o jovem não repita o meu erro.

Porque, mesmo que a justiça dos homens não tenha me punido, eu pago todos os dias: a distância da minha família, a impossibilidade de andar na rua, de viver com liberdade, de fazer coisas simples como viajar ou acampar. Fica a prisão da lembrança: dor e sofrimento. Tem vezes em que me pergunto como consigo acordar, comer, falar.

A vida passou num estalo. Momentos bons se misturaram com pessoas más; momentos ruins, com pessoas boas. Uma confusão de pensamentos, como se ninguém conseguisse compreender meus motivos e razões. Entro em tentativas fracas de justificar o que fiz, e não encontro razão. É uma confusão mental que, para quem vê de fora, parece loucura. Às vezes questionam a minha sanidade. Mas eu tenho que seguir: não há tempo para enlouquecer, ficar doente, parar ou ter fraqueza.

Eu não quero ser lembrado como "o cara foda", "o cara inteligente", "o cara bigode". Quero ser lembrado, acima de tudo, como um homem leal: leal à minha personalidade, às minhas convicções; alguém que não se

dobrou diante de ninguém nem de nada. O que eu acreditei, eu segui, e fui leal a isso. Quando você é leal a algo, as coisas tendem a dar certo; e, mesmo quando dão errado, você ainda será lembrado como uma pessoa leal. Não existe nada, absolutamente nada, sólido sem lealdade. No amor, você precisa dela; no ódio, também; em todos os momentos da vida, a lealdade é necessária.

E você, que está me ouvindo ou lendo, é leal? Leal a si mesmo, às suas convicções? Você gosta do que gosta porque realmente gosta, ou porque te influenciaram e virou tendência? Você se submeteu ao que impõem, ou busca respostas e soluções melhores?

Eu agradeço a Deus por uma coisa: nunca me conformar. Se está bom, pode melhorar. Se melhorou, pode melhorar de novo. Eu gosto disso em mim. E você? Conformou-se com a situação atual da sua vida? Você acredita que ainda dá tempo de mudar tudo?

Então mude.

Seja leal.

Eu já comecei a minha mudança; a sua começa agora.

SOBRE O AUTOR

Meu nome é Frank Willians de Paula Souza e Marques, nasci em 27 de maio de 1992, em São Paulo. Cresci em meio à simplicidade, uma infância pobre, mas cheia de afeto e aprendizados. O amor era o teto que nunca desabava, mesmo quando faltava tudo o resto.

Meu primeiro contato com o crime aconteceu cedo demais. Aos 12 anos, depois que minha família perdeu a casa e fomos parar na favela, a realidade mudou. O tráfico era presença constante nas esquinas, e o respeito parecia vir apenas de quem impunha medo. Vi meu pai lutar honestamente todos os dias e ser ignorado, enquanto o traficante era admirado e temido. Aquilo me confundiu.

Aos 13 anos, entre fliperamas, bares e conversas erradas, dei meu primeiro passo no mundo do crime. Tudo começou com pequenos favores e terminou com uma arma na mão. A sensação de poder era rápida, mas o vazio que deixava era profundo. Fui perdendo a mim mesmo sem perceber.

Hoje, olhando para trás, entendo que o crime não nasce do mal, nasce do vazio. Do abandono, da falta de exemplo e de esperança. Eu errei, caí e vi o inferno de perto. Mas também aprendi que o erro não precisa ser o fim.

Reergui-me com fé, com trabalho e com propósito. Decidi transformar a dor em alerta, a vergonha em voz e

a experiência em missão. Não escrevo para ser admirado; escrevo para ser ouvido.

Se a minha história puder impedir que um só jovem caia na mesma armadilha, então tudo o que vivi, sofri e perdi terá valido a pena.

AGRADECIMENTOS

Nenhuma vitória é solitária. Tudo o que conquistei até aqui foi porque, em algum momento, alguém acreditou em mim, mesmo quando eu não acreditava mais.

Quero agradecer, de coração, a todos que fizeram parte dessa caminhada:

À Waleska, a loira, pela força, pelas palavras sinceras e por nunca deixar o riso morrer, mesmo nos dias mais difíceis.

À Lê Ru, minha mãe da internet, que me acolheu como filho e me lembrou que carinho não precisa de sangue pra ser verdadeiro.

À Soraia, que eu nunca vi pessoalmente, mas que sempre fez questão de mostrar presença com gestos e fé.

Ao Marcos, o roqueiro, por trazer leveza e amizade verdadeira em meio ao caos.

Ao Mirko Ferrari, meu amigo doido, nunca soltou minha mão.

À Maria Pihal, uma das pessoas mais amáveis que já cruzaram meu caminho, exemplo de empatia e generosidade.

E à minha maninha branquinha "V", que a vida me deu, prova viva de que família não é só sangue, é conexão de alma. Você apareceu como luz no meu momento mais escuro, e essa luz nunca se apagou.

Também deixo meu agradecimento a cada seguidor, inscrito e coração que me acompanhou nessa jornada. Cada mensagem, cada oração, cada palavra de apoio me

ajudou a continuar quando o peso do mundo parecia insuportável. Vocês são parte dessa história. Vocês me deram motivos pra lutar quando a esperança quase acabou.

Por fim, agradeço a Deus, que me permitiu cair para que eu aprendesse a levantar, e que me deu nova vida quando tudo parecia perdido.

"A vocês, que fizeram da minha dor um propósito e da minha história um caminho de fé... meu eterno obrigado."